MORFOLOGIA E SEMÂNTICA DA LITERATURA DE FANTASIA CONTEMPORÂNEA: *MACBETH* E *HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL*

MORPHOLOGY AND SEMANTICS OF CONTEMPORARY FANTASY LITERATURE: *MACBETH* AND *HARRY POTTER AND THE PHILOSOPHER'S STONE*

Roberto Nunes Bittencourt[1]

Recebido em 15/01/2024
Aprovado em 02/02/2024

RESUMO

Na gramática, quando falamos em morfologia e semântica geralmente nos detemos nos estudos sobre as classes de palavras e suas flexões e do sentido que os termos assumem em uma estrutura sintática simples ou mais complexa. Essa é a perspectiva ortodoxa desses dois conceitos linguísticos. No entanto, aqui seguiremos por outras acepções, inteiramente distintas e aplicadas no contexto de nossa discussão. Quando falamos em morfologia e semântica da literatura de fantasia contemporânea, estamos, basicamente, nos referindo ao estudo de sua forma ou Gestalt, para também explorarmos uma noção mais ampla, e o conteúdo que aparece nessas obras revestidas de inúmeras simbologias, ou seja, em toda a sua envergadura polissêmica. Nesse sentido, nosso objetivo é examinar uma obra contemporânea em paralelo com outra que é considerada clássica. O intuito é confrontar algumas figuras e ideias que aparecem em textos consagrados com alguns do tempo presente. Com isso, pretendemos comprovar que há uma redefinição da morfologia e da semântica na prosa de fantasia contemporânea. Assim, o texto a ser analisados será o livro Macbeth, de Willian Shakespeare, que traz a figura da bruxa como era concebida em seu tempo, em equiparação a obra Harry Potter e a Pedra Filosofal, de J. K. Rowling. Por meio de uma comparação entre estrutura, forma e significados de elementos narrativos dessas duas obras teremos um quadro mais completo acerca da literatura de fantasia contemporânea dentro dos conceitos de morfologia e semântica que ora apresentamos.
Palavras-chave: Ficção Contemporânea. Fantasia. Crítica Literária. Literatura.

ABSTRACT

In grammar, when we talk about morphology and semantics we generally focus on studies on word classes and their inflections and the meaning that terms take on in a simple or more complex syntactic structure. This is the orthodox perspective of these two linguistic concepts. However, here we will use other meanings, entirely different and applied in the context of our discussion. When we talk about morphology and semantics of contemporary fantasy literature, we are basically referring to the study of its form or Gestalt, to also explore a broader notion, and the content that appears in these works coated with countless symbologies, that is, in all its polysemic scope. In this sense, our objective is to examine a contemporary work in parallel with another that is considered classic. The aim is to compare some figures and ideas that appear in renowned texts with some of the present time. With this, we intend to prove that there is a redefinition of morphology and semantics in contemporary fantasy prose. Thus, the text to be analyzed will be the book Macbeth, by Willian Shakespeare, which presents the figure of the witch as it was conceived in his time, in comparison to the work Harry Potter and the Philosopher's Stone, by J. K. Rowling. Through a comparison between the structure, form and meanings of narrative

[1]Doutor em Letras Vernáculas (UFRJ). Endereço eletrônico: robertonbitt@gmail.com

elements in these two works, we will have a more complete picture of contemporary fantasy literature within the concepts of morphology and semantics that we now present.
Keywords: Contemporary Fiction. Fantasy. Literary criticism. Literature.

Na Idade Média, uma figura que ficou muito em evidência na sociedade foi a da bruxa. Quando analisamos todo o contexto desse período histórico, encontramos muitas referências a essas mulheres, que eram acusadas de terem firmado um pacto com o Demônio e realizarem coisas inacreditáveis e perversas. A Inquisição foi um instrumento criado pela Igreja Católica para a salvaguarda do credo e das tradições do cristianismo institucional. Entre os muitos afazeres do tribunal eclesiástico, estava a caça às bruxas. Sendo assim, alguns aspectos se cristalizaram em torno dessas mulheres, embora houvesse homens também acusados de bruxaria apenas o gênero feminino se destacou na literatura, documentos e na tradição oral. É muito fácil encontrarmos esse estereótipo da bruxa em textos literários e outros documentos tanto do período medieval quanto posterior. Em uma varredura bem simplória, você encontra referências que vão desde a uma aparência assustadora, uso de ferramentas sombrias e atos nefastos cometidos por essas entidades: as bruxas são portadoras de poderes e faculdades sobrenaturais, resultado de seu pacto com as trevas, com as entidades malignas mais aterradoras.

William Shakespeare foi um escritor muito prolífico, que escreveu tanto trabalhos em prosa quanto em verso. Suas peças são consideradas, pela crítica e pelo público leitor, desde que foram escritas, como verdadeiras obras de arte. Seus textos foram e são encenados até hoje e seus temas chamam bastante atenção, uma vez que ele trabalhava com elementos tanto da cultura de sua época quanto de uma inclinação muito clássica, retomando velhos motes da humanidade em obras muito antigas, como é o caso dos próprios poemas épicos de Homero, que sempre encontram ecos nos textos shakespearianos. Sendo assim, não é de se surpreender que ele também tenha escrito alguns trabalhos que envolvem a presença de figuras sobrenaturais. Talvez a obra mais conhecida com tais elementos seja *Sonho de uma noite de verão*, uma peça que tem até mesmo cenários que se ligam muito ao universo de fantasia. Por outro lado, textos como *A Tempestade* também podem ser facilmente lembrados. No entanto, poucos vão lembrar que *Macbeth* também tem a inserção de personagens sobrenaturais, e, justamente são elas bruxas.

Fica claro, aqui, que nossa análise se deterá em torno da figura da bruxa. Em primeiro lugar, é preciso escrever que essa figura, embora apresente um aspecto muito taxativo, tem algumas nuances tanto na literatura quanto na tradição oral. Sendo assim, faremos alusão a algumas delas. Em seguida, é preciso ter em mente que nos concentraremos no livro de Shakespeare, no entanto, faremos referência a diversas outras obras e narrativas que reforçam as ideias apresentadas pelo autor inglês em

Licença Copyleft: Atribuição-Uso não Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas

sua obra, uma vez que achamos importante destacar que isso configura um verdadeiro imaginário em torno da bruxa e seus inúmeros elementos sobrenaturais. Mesmo analisando *Macbeth*, já temos alguns construtos que estão ligados a toda uma tradição acerca de bruxas e feiticeiras, que sempre são encaradas como sinônimas, bem como os magos em determinados aspectos, muitas vezes apenas criando a antonímia das bruxas em termos de gênero. As obras que elencamos para essa análise dessa figura, portanto, é o famoso drama shakespeariano e um outro livro que foi muito lido nos dias atuais, o romance *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, da autora britânica J. K. Rowling. A partir desses dois textos literários, teremos uma visão de morfologia e semântica na literatura no que concerne à figura da bruxa.

É importante destacar que essas figuras e imaginários são redefinidos nas obras contemporâneas: o que Shakespeare pensava e escreveu sobre as bruxas não é, de forma alguma, o que J. K. Rowling escreveu e pensava. Isso em termos de análise das obras dele e dela, é claro que os textos deles podem não refletir seus pensamentos em torno desse arquétipo, mas para a compreensão do que disseminaram, suas obras representam a visão artística em torno da temática. Portanto, é muito notável que as linhas de pensamento sejam tão divergentes. Talvez não se trate apenas de um salto temporal, uma vez que também temos obras contemporâneas que reforçam os paradigmas que encontramos no texto de Shakespeare, que veremos logo em seguida. De forma muito similar, talvez seja possível rastrear tanto na literatura quanto na tradição oral algo muito próximo do que J. K. Rowling desvelou em seu trabalho formidável que lhe rendeu milhões de cópias vendidas em todo o mundo e até inúmeras adaptações.

O que temos, então, é um arquétipo de criatura sobrenatural. No entanto, ele surge na Idade Média como uma possibilidade real. A mentalidade medieval era teocêntrica, a religiosidade ditava todos os aspectos da vida das pessoas. Criaturas angelicais, santos, Deus e o Diabo eram parte de suas crenças, funcionavam como entidades que faziam parte do mundo e não apenas como elemento sobrenatural, que poderíamos chamar de ficcionais. Para aquelas pessoas, as bruxas eram seres reais e não imaginários, eram sobretudo mulheres que fizeram um pacto com as trevas, que tinham acesso a poderes, dons e conhecimentos sobre-humanos. Logo, também despertavam muito temor, uma vez que estavam ligadas diretamente ao lado demoníaco, e não ao âmbito das forças benignas que influíam sobre suas existências: temos, de fato, muitos exemplares orais e escritos que atestam sobre assa percepção acerca das bruxas.

Com o passar dos anos, alguns elementos ligados às bruxas foram se cristalizando: elas usavam uma varinha mágica, faziam feitiços empregando ingredientes repulsivos, suas poções eram preparadas em caldeirões, usavam vassouras, em alguns relatos como meio de transporte. Tantos outros foram sendo

Licença Copyleft: Atribuição-Uso não Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas

gradativamente adicionados, isso dentro da própria ficção, que tornou também essa figura muito cativante para povoar tramas malévolas. Na Europa, obras de países distintos trazem praticamente o mesmo paradigma em torno das bruxas. Eram uma persona que já estava na mentalidade dos autores, das pessoas, da sociedade. Shakespeare escreveu sobre as bruxas em um período que já estava sendo marcado pela transição do medievo para a modernidade; suas obras, por exemplo, são consideradas renascentistas, expressando um humanismo nascente tanto nas artes quanto nas ciências. Para contrariar, por sua vez, essa ideia de transformação de imaginário, as bruxas que aparecem em *Macbeth* são exatamente como tantas outras que temos em textos mais antigos e sobre as quais os historiadores escrevem em suas obras sobre a Idade Média.

Em um de seus ensaios, Michel de Montaigne, por exemplo, escreve também sobre as bruxas: ele assinala os traços que o medievo deixou bem claro em torno dessa figura. Elas eram assustadoras, até mesmo na aparência. Além disso, traziam de forma inequívoca sua marca de pacto com as forças demoníacas. As bruxas são assustadoras, elas têm acesso a poderes sobrenaturais, são terríveis, estão à serviço do mal. Seus atos sempre são duvidosos, uma vez que nada de bom pode vir de alguém que recebeu seus dons do próprio Demônio. No livro de Shakespeare, quem lidera as bruxas é uma outra criatura com a mesma força expressiva que o próprio demônio, com um poder sobrecomum e que tem, também, uma inteligência prodigiosa, a esquiva e obscura Hecate. O mais interessante no texto do escritor inglês é que as demais bruxas ganham designações genéricas, que atendem por um substantivo comum; apenas Hecate tem um antropônimo. Isso já evidencia que ela não se trata de uma bruxa qualquer; que é, por seu turno, uma espécie de divindade, que está muito além de toda aquela classe de criaturas.

A primeira vez que o trio de bruxas aparece na peça de teatro, elas já denotam que pertencem ao modelo clássico, que não há nenhuma divergência quanto a isso. As bruxas fazem predições para Macbeth e Banquo em uma cena logo em seguida, em que novamente seus predicados são evocados com muita precisão. O autor faz alusão aos elementos clássicos, elas levam suas conjurações para o mesmo paradigma de outros personagens da ficção. Isso deixa claro que são figuras malignas, embora posteriormente isso possa parecer muito duvidoso uma vez que o próprio Macbeth se torna a encarnação do puro mal na obra. Ainda que elas possam ter suma imagem atenuada pelo desenrolar da trama, continuam se apresentando para o público e para o leitor como pertencentes ao mundo das trevas. Hecate, que as lidera, é que lhes censura algumas das atitudes que tomaram no início na peça, ao se inclinaram para Macbeth e prenunciarem bênçãos ao sujeito vil. Quando isso acontece, Hecate parece pertencer a uma casta de criaturas justas, debaixo de uma lei moral, de uma adequação ao corpo social mais benigno.

Licença Copyleft: Atribuição-Uso não Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas

No entanto, mesmo essa imagem positiva de Hecate e a natureza ambígua das bruxas logo se dissipam. Quem faz com que esse véu logo se desfaça é o próprio Macbeth, que ao mesmo tempo que anseia pelo acesso aos poderes das bruxas, maldiz a própria existência delas. Quando percebemos que o personagem mais vilanesco da peça tem essa impressão sobre as bruxas, inclusive a própria Hecate, que tem toda essa influência sobre as demais, é que fica muito nítido que tipo de criaturas elas são. Em uma das falas das bruxas, Shakespeare lista uma série de ingredientes para o feitiço. Isso também contribui para que não reste dúvida sobre a natureza horrenda das bruxas na peça, uma vez que entre esses componentes para o encantamento temos coisas que de fato são macabras. Se havia alguma dúvida sobre o que as bruxas são para o conjunto global da obra, depois de ler o que elas usam para atingir seus objetivos elide qualquer vestígio de hesitação. Logo, o que temos na obra é a bruxa em sua versão mais clássica possível: Shakespeare não se deu muito ao trabalho de fazer ajustes predicativos nessas personagens.

Muitas obras modernas e contemporâneas também apresentam esse arquétipo. O mais interessante nisso tudo é que elas são uma figura inequivocamente maléfica. No cinema, isso se consagrou com filmes que também cultivavam essa mesma percepção sobre tais pessoas. Talvez por isso a reviravolta da obra de J. K. Rowling tenha sido tão impressionante: quando ela apresenta seus bruxos: em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, a autora nos conduz a um cenário muito mais complexo em torno dos bruxos: ele não é tão só original e muito criativo quanto denso em aspectos sociológicos, psicológicos e filosóficos. É por isso que ela faz com que a gente releia peças como *Macbeth* com um olhar muito mais crítico, permitindo não apenas uma reformulação do pensamento sobre essa figura como também da visão que o autor ajudou a disseminar e sedimentar. Mesmo para quem julgue Shakespeare muito inovador em temática, narratividade e estética, não pode negar que em alguns sentidos ele foi perfeitamente reacionário.

O que logo se sobressai na peça de Shakespeare em relação às bruxas é que elas não se mostram dentro de contornos muito claros. Não sabemos no começo da peça se as três feiticeiras, como são traduzidos seus nomes na obra em língua portuguesa, são boas ou más. Elas estão em busca de algo, em busca de alguém. Posteriormente, nós descobrimos que é de Macbeth, se é que restava alguma dúvida. Elas alardeiam que o feio é belo e o belo é feio, e isso sem dúvida alguma revela seu aspecto ambíguo também na peça. No entanto, quando encontram Macbeth, elas lhes fazem predições, juntamente a Banquo. Em suas premonições, tanto um quanto o outro terão boa fortuna, serão alcançados por bons presságios. Depois, quando Hecate aparece, as três são julgadas de forma severa por terem feito isso em relação a Macbeth, uma vez que ele é considerado um homem torpe, de natureza maléfica. Ora, se Macbeth é um ser que inspira temor a ponto de Hecate censurar as bruxas por

Acesso geral: https://ojs.uva.br/index.php/revista-aquila
Licença Copyleft: Atribuição-Uso não Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas

supostamente tê-lo abençoado, que papel de fato essas criaturas incomuns exercem? Isso nos leva a concluir que elas não são tão ruins assim. No entanto, quando fazem seus feitiços, sempre evocam elementos das trevas. Além disso, o próprio Macbeth as considera como seres perversos e de inclinação demoníaca.

Mesmo assim, com todos esses elementos conflitantes, as bruxas na peça do autor inglês não podem ser comparadas a outras criaturas benignas dentro da literatura de fantasia. Elas não são, por exemplo, como as fadas e espíritos bondosos que aparecem em peças como *A Tempestade*. Shakespeare era um autor muito hábil e suas obras se inscrevem dentro do Renascimento Cultural, vinculadas ao humanismo renascentista, que, entre outras coisas, preza pela percepção da natureza humana e foge um pouco do maniqueísmo de trabalhos medievais. Apesar disso, seu texto não nos revela, ainda, bruxas com uma complexidade ao ponto de representar a própria condição humana, dissociada de outra morfologia. Elas estão associadas a trevas, trazem todos os seus predicados, todas as suas nuances. Isso fica evidente na atmosfera que suscitam quando aparecem na obra, todas as vezes, tanto quando estão com Macbeth quanto nos momentos em que se encontram com sua espécie de deusa suprema, Hecate.

A ruptura no imaginário bruxo acontece de forma perceptível em larga escala na obra da autora, também britânica, J. K. Rowling. O livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, a princípio, parece um texto despretensioso, mas não é isso que percebemos ao lê-lo até o fim. Em primeiro lugar, a sua autora cria todo um universo para que seus personagens bruxos e não-bruxos (na obra chamados de trouxas) possam habitar. Essa realidade inclui uma visão que se consolidou ao longo dos séculos sobre bruxos, tanto que Petúnia e Valter, os tios do jovem Harry Potter, apresentam uma aversão extravagante a bruxos e, quando descobrem que o sobrinho também é um deles, tentam arrastá-lo para bem longe dessa sina, o que obviamente não acontece. Ao mesmo tempo, ao lado dessa visão preconceituosa em tornos dos bruxos, o mundo deles é gradativamente revelado para nós, leitores. Nesse processo, somos completamente tomados por um ambiente nada hostil, mas acolhedor, delicioso e cativante, em que ingredientes de poções nauseabundos como os de *Macbeth* são substituídos por doces de abóbora e tortinhas de todos os sabores.

Na obra de Rowling, todo o universo bruxo é remodelado. Em defesa da autora, em como ela escreve sobre isso para nós, que tínhamos já um imaginário consolidado sobre o assunto, a sua escolha foi muito acertada. Ela resolve introduzir tudo isso por meio de uma instituição de ensino: o que melhor para mostrar um universo que foi refeito do nada do que um lugar de promoção de sociabilidade? Nos livros da saga Harry Potter estamos sempre girando em torno de Hogwarts, e no livro que mencionamos aqui adentramos essa escola em grande estilo: passamos a conhecer seus professores e eles nos ensinam o que aprenderam sobre o mundo dos trouxas,

Licença Copyleft: Atribuição-Uso não Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas

ou seja, dos não-bruxos. Eles também nos mostram que existe uma série de conhecimentos estruturados que os bruxos não podem deixar de lado. Ao mesmo tempo, tornam evidente que são personagens esféricos, com uma inclinação mais que incisiva para a condição e tessitura do que é humano, podem ser ao mesmo tempo rígidos e calorosos. Alguns são pessoas extremamente bondosas, outros guardam segredos que podem revelar o velho arquétipo dos bruxos.

A autora, por sua vez, não faz isso deixando de lado todo o legado de nosso imaginário sobre bruxos: ela o resgata e lhe dá uma outra significação. Em todo o livro, encontramos personagens, cenários, objetos, construtos e conceitos que fazem parte de tudo que já lemos sobre bruxos e bruxas. Até mesmo os caldeirões com suas poções estão lá, inclusive com alguns ingredientes que não são muito amistosos. O que muda, por sua vez, é que não são os mesmos ingredientes diabólicos, nefastos e sombrios que aparecem na peça de Shakespeare, que representa aqui o que tínhamos dentro de outro universo da bruxaria, o qual podemos considerar aqui como clássico. Se mesmo entre os contos e lendas tínhamos vassouras, elas nunca foram um sinônimo de uma tecnologia como a Nimbus 2000, usada por Harry Potter no torneio de quadribol. Aliás, pensar que bruxas e bruxos pudessem se dedicar a divertimentos que lembram o futebol e o beisebol é quase uma quimera das mais insanas. No entanto, é exatamente isso que temos no romance que atraiu tanto o público infanto-juvenil quanto adulto.

Desse modo, o que temos logo de cara nos dois textos é uma transição de um modelo arquetípico unívoco para um muito mais polissêmico, que assume diferentes facetas dentro da narrativa. Isso se nos preocuparmos nesse momento apenas como a semântica aplicada aos personagens de cada entrecho. As feiticeiras de *Macbeth*, embora sejam personas com uma certa profundidade psicológica, que está impregnada em todo o texto de Shakespeare, evidenciam apenas um aspecto dos bruxos. Elas não seriam o que nós chamamos exatamente de personagens planos, mas inevitavelmente não apresentam uma versatilidade dentro dos arquétipos que estão encarnando. Mesmo quando Hecate tenta censurar as três bruxas pelo que fizeram ao infame Macbeth, elas ainda estão revestidas de uma aura sombria, o autor tinha nitidamente uma visão muito clara do que desejava para essas personagens. Assim, elas de forma alguma traspõem essa linha entre o soturno e o plural, como acontece com tantos personagens da saga de J. K. Rowling.

Um exemplo muito preciso dessa mudança no arquétipo nesse envoltório semântico é o professor Snape, que aparece no livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal* desde o começo como alguém que não conseguimos ler de maneira muito clara. Alguns indícios apontam para que ele seja um terrível vilão, um bruxo das trevas, diabólico, cruel e muito, muito sombrio, que está decididamente incorporando toda a maldade e vilania na trama. No entanto, ao passo que avançamos no enredo, essas

Licença Copyleft: Atribuição-Uso não Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas

convicções e tornam opacas, elas vão perdendo a nitidez. Quando terminamos a leitura, o Snape é como qualquer um de nós, passível de ter uma inclinação tanto para o macabro quanto para o benévolo. Logo, ele já não é mais um espécime de bruxo que remonta à tradição uma vez que não dispõe apenas de uma personalidade sólida. Temos uma construção muito inequívoca de uma persona com uma pluralidade soberba, que torna o texto muito mais verossímil e sofisticado ao não cair em uma série de reducionismos narrativos que muitos outros autores adotam em obras de literatura de fantasia.

Ao observarmos a construção desses mundos, tanto em *Macbeth* quanto em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, nós temos uma visão bem nítida de como foi conduzido pelos autores a composição da semântica de cada narrativa. Em Shakespeare, o que prevalece é uma lógica muito linear e inamovível dos bruxos. Suas personagens são femininas, fortalecendo um preconceito em torno da imagem da bruxaria que remonta ainda ao cerne da Idade Média. É muito interessante notar isso sobretudo porque o autor é considerado um dos nomes do renascimento na Inglaterra. Em outras peças, seu pensamento humanista se sobressai. Mas, é claro, nem tudo é elogiável em sua obra monumental. Em muitos excertos de seus trabalhos, Shakespeare destila uma série de preconceitos, inclusive étnicos. Em Macbeth, por exemplo, ele nos traz uma mostra de antissemitismo que não deixa dúvida que nessa peça em especial não são apenas as bruxas em sua forma feminina que foram algo de seu pensamento reacionário em uma ética que muito nos assusta hoje em dia.

Já quando transpomos a narrativa para a pena de J. K. Rowling, o sentido de ser bruxa ou bruxo é profundamente modificado: em seu universo narrativo, essa figura que antes era a pura maldade sofre uma alteração de cunho identitário muito demarcada. Além disso, já não nos restringimos ao gênero feminino, até porque o protagonista de todo o livro é um jovem, mesmo que ele esteja acompanhado pela inteligente e perspicaz bruxa, também muito jovem, Hermione Granger. Essa abertura a todo um universo de personas, de identidades, torna o universo bruxo muito mais próximo do que nossa sociedade é de fato, o que eleva o status da obra em verossimilhança e compatibilidade estética com o que a civilização tem de fato experimentado. Ainda assim, hoje, a obra da autora britânica peca em alguns elementos representativos, muitos por não terem ficado claro em sua escrita e outros simplesmente por estarem ausentes, embora este não seja exatamente o foco de nossa discussão é preciso salientar que o livro ainda é passível de críticas mesmo com sua inovação da reconstrução desse imaginário.

Nesse contexto, é muito incisivo que o sentido de ser bruxo se altera pela narratividade de um texto para outro. Em Shakespeare, ser bruxa é seguir um caminho previamente definido, que coloca o sujeito em conato direto e inevitável com o próprio mal, o que lembra a forma como a Igreja Católica encarava essa figura no medievo.

Licença Copyleft: Atribuição-Uso não Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas

Assim, suas práticas, seus gestos, suas ações e inclinações são sempre maléficos. Não se pode, portanto, pensar em uma Hecate que mesmo fazendo críticas a suas discípulas sobre algo ruim que fizeram e ela mesma seja boa. Em última análise, Shakespeare nos deixa uma mensagem muito clara sobre essas personagens, elas são malignas, elas não fazem parte de algo bom, assim como a figura de outros personagens míticos em sua peça *A Tempestade*. O que temos em *Macbeth* são criaturas que estão ligadas ao terrífico, que se imiscuem com o campo do diabólico. Se em algum momento isso fica em dúvida para o leitor, quando Macbeth se rebela contra as premonições das bruxas, a margem para incerteza se esvai uma vez ele profere impropério contra elas, afirmando que são portadoras do que há de mais funesto.

Em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, o bruxo já se inicia com uma identidade múltipla, não se resume à figura feminina. Na obra, existe todo um universo de bruxos e bruxas, tanto homens quanto mulheres e outras criaturas, que podem inclusive não ter um gênero definido, mas que seja fluido. Uma vez que a autora não nos fornece elementos muito nítidos para se pensar melhor as questões de gênero em sentido amplo, só podemos fazer algumas deduções a partir da própria narrativa. Nela, por sua vez, temos a presença de um punhado de personagens que são bem complexos e que não remontam apenas a esse binarismo masculino e feminino. Acima de tudo, no entanto, temos homens e mulheres que praticam a bruxaria. São bruxos e bruxas que estão na trama constituindo todo um universo, toda uma civilização. Com isso, a autora expõe que há conhecimentos, saberes, práticas, culturas e hábitos que constituem essa realidade. Aos poucos, na trama, nós temos contato com tais elementos, entendendo, desse modo, que ser bruxo é mais do que ter à sua disposição dons sobrenaturais. Eles possuem seus padrões comunicativos, seu esporte, seu sistema de ensino, sua estrutura política, corpo jurídico e até mesmo financeiro.

Nas duas obras, por sua vez, também somos capazes de distinguir muito facilmente uma morfologia que se destoa, ainda nesse contexto da presença de uma figura típica tanto da arte literária quanto da cultura popular. Assim como são os arquétipos de outras figuras míticas como vampiros e anjos, os bruxos estão envoltos em uma mitologia própria, de como são e como se comportam. O texto que dá forma ao seu universo, que segue por uma estruturação lógica desse ambiente em que existem tais criaturas, precisa englobar alguns predicados que tornam a trama coerente com os personagens que estarão presentes. Desse modo, quando Shakespeare desenha seu *Macbeth*, o universo que ele compõe torna possível as previsões do futuro, a qual as bruxas têm amplo acesso por meio de seus feitiços. Toda a atmosfera do livro, por sua vez, é um tanto sombria, mítica e provida de uma chave sobrenatural que permeia cada parte do texto, mesmo quando as bruxas não se fazem presente. No entanto, soaria para o leitor totalmente absurdo se Hecate de repente

Licença Copyleft: Atribuição-Uso não Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas

jogasse uma rajada de energia em Macbeth ou alterasse seu destino como punição por sua índole. Esses elementos não pertencem àquelas bruxas, elas possuem sérias limitações em seus poderes terríveis.

A ambientação de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* se dá aos poucos na obra. Como se trata de uma remodelagem do universo bruxo, a autora toma bastante cuidado ao apresentar para os leitores esses elementos inovados. Claro que isso torna o texto um tanto pedagógico: parece que Harry Poter está sempre recebendo lições de outros personagens que conhecem muito bem aquele mundo que apesar de ele fazer parte desde seu nascimento desconhecia por completo por causa de seus tios, Válter e Petúnia. Ainda assim, tudo vai se tornando muito nítido para os leitores. Bruxos e bruxas podem ser tanto pacíficos quanto belicistas, eles podem se divertir com xadrez, mas não um jogo de xadrez convencional, e um esporte mais radical e de contato, que lembra o futebol, tanto o convencional que se joga ao redor do mundo quanto o estadunidense. Esses bruxos também possuem um rígido e imponente sistema político com uma chefia, que é um ministro responsável por cuidar de todo o mundo bruxo, inclusive evitando que ele seja descoberto pelas pessoas que não são bruxas. Nesse cenário, os bruxos estudam, fazem pesquisas quando concluem sua educação básica, trabalham em agências financeiras e até cuidam de outras criaturas que não existem no mundo que nós conhecemos, como é o caso dos dragões. É um mundo, portanto, habitado por seres imaginários e que exigem seus próprios cuidados. Eles também possuem uma história e certamente todo um saber zoológico e botânico que nos fazem perder a cabeça pensando em como tudo isso poderia estar ali sem que nunca tivéssemos percebido.

Outro importante aspecto na construção desse cenário para os bruxos na obra de J. K. Rowling é que a figura bruxa não ocupa mais um espaço apenas coadjuvante, como acontece na peça de Shakespeare, ou de antagonista, muito comum na maioria das obras que incluem essa figura ao longo da história. É interessante notar essa reviravolta que o próprio *Macbeth* nos conduz a uma singela abertura à reflexão. Em outros trabalhos, a bruxa é a figura maligna central, a vilã, a antagonista na trama, algo que se repete no cinema incontáveis vezes. Em *Macbeth*, elas ocupam o espaço de coadjuvantes. O próprio Macbeth é o personagem central, o protagonista, mas é cheio de defeitos de caráter, uma figura muito ambígua, que se inclina muito para o mal, para o demoníaco, motivo pelo qual Hecate censura suas discípulas pelo que fizeram. Quem é, então, o antagonista? Todos que lutam contra ele, que tentam derrubá-lo. Se olharmos para a morfologia dessa trama, percebemos que ela é muito atípica, que é justamente por esse motivo que o autor foi considerado tão inovador e brilhante. Todavia, lá estão as bruxas como sendo também uma figura que inevitavelmente se vinculam ao mal, às trevas, e que ocupam um espaço secundário. Em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, os bruxos são as figuras centrais e povoam toda a trama. Se trata,

Licença Copyleft: Atribuição-Uso não Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas

portanto, de uma profunda transformação de paradigma para essa figura mítica, como tinha acontecido antes com textos clássicos como *Drácula*, de Bram Stoker, que já insere os vampiros no centro da obra.

Essa transição paradigmática pode ser também observada em outros textos, o que nos sugere que a literatura de fantasia contemporânea tem deslocado algumas figuras para o centro do palco. Esse movimento, por sua vez, não tem acontecido de maneira amadora, nem com o intuito de apenas promover uma inovação estética, se trata de um recurso que tem uma profundidade ainda maior, uma vez que faz com que possamos analisar sujeitos que sofrem diversos tipos de exclusão em nossa própria sociedade. Na obra de J. K. Rowling, uma crítica severa à desigualdade social permeia o mundo bruxo, algo que qualquer leitor percebe logo no início do romance. Tanto o jovem Harry Potter é vítima de um preconceito por sua condição quanto seu amigo Rony Weasley também o é pelo membro mais odiável da aristocrática família Malfoy. Os personagens fora de seus lugares típicos, de sua tessitura arcaica também movem o leitor em direção a outro olhar, que sai da ficção para o mundo que o cerca. Essa mudança estrutural, que cria cenários plurissignificativos para antigos modelos personalistas são altamente sugestivos para pensar-se também as idealizações em torno do bem e do mal, trazendo a ficção para uma reflexão que se embrenha pelo campo da ética e da moral, uma coisa que acontece muito no livro da autora britânica e que em Shakespeare seque é sugerido uma vez que ele nos coloca em um cenário muito fixo com personagens que se movimentam sempre em direções previsíveis.

Temos, então, um contorno genérico dessa literatura de fantasia contemporânea em sua morfologia e em sua semântica. O que atravessa nossa discussão é a figura da bruxa, que nós já vimos aqui que agora não se restringe tanto a um gênero específico. Isso quer dizer que a obra de Rowling trouxe uma importante modificação para outros textos ficcionais com bruxos? Isso é muito claro quando observamos obras posteriores à publicação do jovem Harry aprendendo magia e bruxaria em Hogwarts. Tantos livros que se embrenharam por esse universo estão repletos de traços dessa morfologia que a autora britânica explorou tanto em seu trabalho. De uma forma simples, parece que ela apenas transmitiu para outros escritores uma menagem muito pungente sobre bruxos, eles não são ou não precisam ser aquelas figuras unidimensionais que lemos em trabalhos como *Macbeth*, de William Shakespeare. Com isso, foi possível pensar em clãs de bruxos, em bruxos aliando magia à tecnologia e uma infinidade de outros temas e elementos que a literatura de fantasia não ousava apresentar. No entanto, para além disso tudo, foi de fato muito mais importante não associar apenas às mulheres a imagem de bruxas e termos também bruxos, agora em uma posição heroica e dentro de uma outra simbologia que se afastasse da maledicência antes vulgarmente disseminada.

Licença Copyleft: Atribuição-Uso não Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas

Entretanto, alguém pode dizer que na obra de Rowling o grande vilão é um bruxo. Não se pode, jamais, encarar a trama a partir de uma análise tão chula. Voldemort também não é um personagem unidimensional e plano como algumas pessoas julgam. No primeiro livro da série, que estamos analisando aqui, talvez isso seja vagamente sugerido. Contudo, quando avançamos nos demais textos da saga, isso se torna irrefutável. O vilão tem suas motivações, uma trajetória complexa, sentimentos ambivalentes, ideias confusas e muitas vezes extremamente próximas da do próprio protagonista. Uma coisa que no livro já deixa isso patente é que não há uma linha muito sólida entre o bem e o mal: isso se torna muito categórico quando há a escolha de para qual casa de Hogwarts cada personagem se encaminhará. No momento que o Chapéu Seletor faz a análise de Harry Potter, ele nos deixa bem desconfortável ao revelar que a mente do nosso protagonista, que seu coração, é tão ambíguo e suscetível tanto a coisas boas e honradas quanto a algo cruel e perverso. Em um exame mais detido, portanto, Voldemort é um sujeito que tem uma personalidade fragmentada que pode seguir inclinações heroicas e vilanescas e seus atos podem muito bem ser encarados dentro tanto de uma ética muito relativa quanto de uma moral muito restritiva.

O que torna o exemplo de J. K. Rowling muito emblemático são todas as transformações que a trama sofre em seu primeiro livro desse universo que ela repovoa dentro de uma outra morfologia e semântica. Entretanto, ela não foi a única, isso é que nós podemos notar muito facilmente ao examinarmos outros trabalhos mesmo sobre bruxos e bruxas. No entanto, seu texto parece ter sido o que captou muito bem a necessidade de se imprimir mais substancialidade ao roteiro básico sobre essas criaturas de literatura de fantasia. Isso não aconteceu, no entanto, com outros autores mesmo com suas obras sendo cruciais para o gênero e trazerem elementos muito significativos, como é o caso de *O Senhor dos Anéis*, de Tolkien. Nele, ogros e elfos estão dentro de uma mesma morfologia e semântica de obras mais conceituais clássicas. A sua única contribuição original foi a da figura do *hobbit*, que agora se compõe como um ente aglutinado a toda essa mitologia e seus desdobramentos. Se bruxas como Morgana deixaram de ser a encarnação do mal e se temos bruxas como Sabrina, em muitos filmes e até séries de TV, é porque já não nos cabe mais uma imagem tão inamovível dessa criatura também na literatura. O trabalho em *Harry Potter e a Pedra Filosofal* foi de sugerir que ainda havia muito a ser explorado nesse âmbito. Se outros nomes da literatura não viram isso ou tiveram preguiça de seguir por um percurso distinto, é algo que só podemos lamentar. Apesar deles, a literatura de fantasia foi ressignificada e tem passado por isso. As bruxas da Idade Média são parte de uma semântica obsoleta, e seu universo de uma morfologia decadente.

REFERÊNCIAS

Licença Copyleft: Atribuição-Uso não Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro, Rocco, 2017.

SHAKESPEARE, William. **Macbeth**. Tradução de Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

Acesso geral: https://ojs.uva.br/index.php/revista-aquila
Licença Copyleft: Atribuição-Uso não Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas